

A mariologia antiga em Santo Ambrósio de Milão

pp. 139 - 158

MIRIAM LOURDES IMPELLIZIERI SILVA
miriamlils@gmail.com

Abstract

The Christian faith believes that Maria is the only human person that deserves the establishment of an own theology by the Church, named Mariology, because she was elected by God to be the Savior' Mother. This theology is based in four dogmas that had been proclaimed across the centuries: the Divine Maternity (431); the Perpetual Virginité (553 and 649); the Conception Immaculate (1854) and the Maria's Assumption (1950). By the way, she received a very special veneration by the believers as the Jesus' Mother. She, the Apostles and the martyred people were considered as Saints. The Latin and Greek priests had been inspired by her to think about the Incarnation Mystery, as Ambrosio of Milan, one of the most important apologists of Maria and her sanctity. He was the first to affirms that the Maria' sanctity was a necessary condition to the compliance of her mission as the God's Mother.

Keywords: Ancient Christianity – Mariology – Patristic – Ambrosio Of Milan

Resumen

La fe cristiana considera que María, por haber sido elegida por Dios para ser la madre del Salvador, es la única persona humana que merece de la Iglesia el establecimiento de una teología propia, la Mariología. Esta se fundamenta en cuatro dogmas proclamados a lo largo de los siglos: la Maternidad Divina (431); la Virginité Perpetua (553 y 649); la Inmaculada Concepción (1854) y la Asunción de María (1950). De la misma forma, era digna de una veneración especial por los fieles, una vez que era la madre de Jesús y, así como los apóstoles y los mártires, a su memoria la cultivaban como una santa. Los Monjes latinos y griegos la han tomado como base para sus reflexiones sobre el Misterio de la Encarnación, de entre ellos Ambrosio de Milán, uno de los más importantes apologistas de María y de su

santidad. Él ha sido el primero en afirmar que la santidad de María era la condición esencial para el cumplimiento de su misión como la Madre de Dios.

Palabras-clave: Cristianismo Antiguo – Mariología – Patrística – Ambrosio de Milano

A mariologia antiga em Santo Ambrósio de Milão

MIRIAM LOURDES IMPELLIZIERI SILVA
miriamlils@gmail.com

Desde o início da História do Cristianismo que Maria, mãe de Jesus, é considerada como digna de uma veneração toda especial por parte dos fiéis. Escolhida por Deus para ser a mãe do Salvador, Maria é a única pessoa humana a merecer da Igreja o estabelecimento de uma teologia própria, a Mariologia, fundamentada nos quatro dogmas que, ao longo dos séculos, foram sendo desenvolvidos e fixados a seu favor: a **Maternidade Divina** (Concílio de Éfeso, de 431); a **Virgindade Perpétua** (Concílios de Constantinopla II e de Latrão, respectivamente de 553 e 649); a **Imaculada Conceição** (estabelecido pela Bula *Ineffabilis Deus* do papa Pio IX, em 8 de dezembro de 1854); a **Assunção de Maria** (Constituição Apostólica *Manificentissimus Deus* do papa Pio XII, de 1 de novembro de 1950).

Na Igreja Antiga, sua memória era recordada como santa ao lado dos apóstolos e mártires, enquanto entre os Padres, gregos e latinos, sua figura foi tomada como base para as reflexões acerca do Mistério da Encarnação divina, já que fora através dela que o Salvador havia encarnado entre os homens.

Um dos principais apologistas marianos, foi Santo Ambrósio de Milão, bispo de 373 a 397, o primeiro a afirmar ser a santidade de

Maria a condição essencial para o cumprimento da sua missão como a Mãe de Deus.

A Igreja no século IV e a Mariologia

Na segunda metade do século IV a Igreja passava por um momento bastante paradoxal, já que, ao mesmo tempo em que seu poder e sua influência mostravam-se cada vez maiores no Império, internamente encontrava-se dividida em intermináveis querelas e pressionada por novos problemas surgidos a partir do seu próprio crescimento.

Se a expansão do Cristianismo aumentou o número de fiéis, este crescimento, porém, não correspondeu a uma verdadeira cristianização dos costumes e do pensamento, obrigando a que se processassem modificações na liturgia e no culto mais de acordo com o gosto dos neófitos, agora majoritários. Ao mesmo tempo, ocorria a intervenção sistemática dos imperadores nas questões religiosas cristãs, tanto naquelas de cunho dogmático ou doutrinário quanto na própria organização interna da Igreja.

Como se não bastasse, a difusão de doutrinas cristãs contrárias ao dogma de Nicéia, as chamadas heresias, era sinal de que estas últimas não se intimidavam diante da repressão que sofriam por parte das autoridades religiosas católicas com o aval do governo imperial, este mesmo dividido entre ortodoxia e heterodoxia.

Internamente, completa-se o processo de hierarquização do clero, iniciado no século II, ampliando o rol das atribuições inerentes à função episcopal, concedendo aos bispos um papel de destaque na vida civil e na religiosa.

Por fim, não podemos deixar de mencionar a constituição de uma elite de cristãos que começa a ser tratada como superior aos demais, devido à vida de isolamento do mundo e a suas práticas ascéticas: os monges.

Algumas destas questões terão enorme influência no desenvolvimento da Mariologia, no século de Ambrósio: as heresias e as querelas cristológicas; a difusão do modelo de vida monacal; as mudanças promovidas na liturgia e no culto.

Com o crescimento da importância do monaquismo e sua visão como substituto do martírio do período das perseguições anterior a

Constantino, Maria passará a ser pensada pela teologia como o modelo mais perfeito, o retrato mais completo da virgem consagrada. Porém, tal ideia não será aceita com unanimidade entre os Padres, sendo alvo de críticas e discordâncias.

Paralelamente, se desenvolverá a imagem de Maria como modelo não só para as virgens consagradas e os ascetas, mas para todos os cristãos, já que não obstante haver-se mantido virgem, pelo menos até o nascimento de Jesus, não havia recusado viver com José. Contra este último ponto se insurgirão Cirilo de Jerusalém, Jerônimo, Ambrósio e Agostinho, defensores rigorosos da virgindade perpétua de Maria e da superioridade do estado virginal sobre o casamento.

Quanto às mudanças na liturgia e no culto, definidas principalmente em Roma e Milão, no Ocidente, e em Alexandria, Cesaréia da Capadócia e Jerusalém, no Oriente, estas favorecerão o culto mariano. A composição e a recitação de hinos, homilias, sermões, orações dirigidas à Virgem terão um papel de destaque na liturgia principalmente em Milão durante o episcopado de Ambrósio.

Ao mesmo tempo, no final do século IV, junto à fixação da festa do Natal que passará a ser comemorada por todos os cristãos em 25 de dezembro, tornar-se-á comum a celebração litúrgica da festa da “Mãe de Deus”, no início de janeiro.

Contudo, os fatores mais fundamentais para o desenvolvimento da Mariologia Patrística encontram-se no campo da teologia: as discussões cristológicas e as heresias que muitas vezes as acompanham.

Na esteira das discussões acerca da verdadeira natureza de Cristo – apesar da definição do dogma de Nicéia, em 325, que tornava o Filho consubstancial ao Pai – destaca-se o problema de definir exatamente o papel desempenhado por Maria no processo de salvação da humanidade promovida pelo Cristo.

No centro de toda a discussão coloca-se, de um lado, o título recebido por Maria em Nicéia, o de **Mãe do Filho de Deus**, e o de **Theotókos** (Mãe de Deus) que lhe fôra concedido pela primeira vez, no século III, por Orígenes de Alexandria e que terá grande divulgação no século seguinte, portanto, bem antes da definição do dogma mariano em Éfeso e em Calcedônia.

A exaltação feita a Maria, observada nos escritos de alguns Padres,

entre eles Ambrósio, está em relação direta à necessidade de mostrá-la como digna e perfeita para a tarefa a qual foi escolhida e da qual não se furtara, a de ser a mãe do Deus encarnado.

A principal heresia do período, o Arianismo, não chega a ameaçar diretamente a teologia mariana, já que, em muitos pontos, os arianos comungavam com os ortodoxos no tocante a Maria. Desta forma, Ário e seus seguidores além de aceitarem a concepção virginal, acreditavam na manutenção da virgindade de Maria após o parto, ponto polêmico mesmo entre os Padres ortodoxos.

Além disto, em muitos dos seus escritos, Ário não se cansa de denominá-la “Mãe de Deus”, o que teoricamente se contrapunha a sua ideia de Trindade, onde defendia a superioridade do Pai sobre o Filho.

Para combater o Arianismo no campo doutrinário, Apolinário, bispo de Laodicéia, busca auxílio na teoria desenvolvida na escola de Alexandria das duas naturezas do Cristo, chegando a afirmar que, ao encarnar, o Verbo divino ocupara o lugar da alma humana de Jesus. Maria, assim, coloca-se apenas como a mãe de Jesus, o homem, e não a do Verbo encarnado. Além de receber duas condenações conciliares, em Alexandria (362) e Constantinopla (381), seu pensamento foi vigorosamente criticado por seus pares, entre eles, Gregório de Nazianzo:

Portanto, se alguém não crê que Santa Maria é a Mãe de Deus, ele não tem comunhão com Deus (...), se alguém sustenta a idéia de dois filhos, um de Deus Pai e outro da Virgem mãe, esse tal não tem parte na adoção (...) porquanto divindade e humanidade são duas naturezas, como a alma e o corpo, mas não há dois filhos nem dois deuses (...). Ambas as naturezas por meio da união, são uma, divindade feito homem, humanidade feita Deus (...).¹

Outra heresia do século que nos diz respeito é a de Prisciliano, bispo de Ávila. Sua doutrina relativa à Trindade é extremamente confusa, misturando tradições de diversas procedências. Ao mesmo tempo em que não acreditava na existência do Filho de Deus antes de este ter nascido de Maria, dizia não ter Jesus nascido com a verdadeira natureza do homem (**Ibid.**, p.108). Desta feita, o papel de Maria na história da

¹ GREGORIO DE NAZIANZO, Carta a Cleodionus Sacerdote, 101 In: FRANGIOTTI, 1995, p. 104.

salvação restava subdimensionado.

Prisciliano acabou por ser condenado à morte pelo imperador Máximo, sensível aos apelos de alguns bispos espanhóis, inimigos do bispo avilano. Tal atitude imperial suscitou protestos veementes entre as principais autoridades episcopais do período, como Martinho de Tours e do nosso Ambrósio que chegou a escrever:

Esses sacerdotes que solicitam e aprovam a efusão de sangue se assemelham aos fariseus perseguidores da mulher adúltera (...). Jesus Cristo não permitiu que uma só mulher culpável percesse; estes, pelo contrário consideram que não se imolou vítimas suficientes.²

Muitos dos escritos relativos à Maria foram produzidos com o intuito de não só pensar no Mistério da Encarnação, tão caro ao período, mas também para defender a ortodoxia ameaçada. Como base para toda a fundamentação teórica mariana se encontram os textos bíblicos, utilizados de forma a corroborarem as ideias desenvolvidas na Patrística tanto latina quanto grega.

Fundamentação Bíblica da Mariologia

Esta questão liga-se diretamente à crença na predestinação de Maria como Mãe do Salvador e do papel que teria desempenhado no processo de salvação da humanidade.

Se, no Antigo Testamento, os textos basilares para o surgimento da Mariologia aparecem como anunciadores ou preparadores do grande evento, no Novo Testamento, sua função é a de revelar aos homens a grande nova, a Salvação havia se realizado, e com o concurso humano de Maria.

A promessa da redenção feita por Deus ao homem logo após a queda se encontra no livro do Gênesis, 3, 15, sendo confirmada em Isaías, 7,14: “Por isto, o próprio Senhor vos dará um sinal: uma virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamará de Emanuel (Deus conosco)”. O Messias viria, pois, de uma virgem, sendo este o sinal escolhido por Deus.

O cumprimento da promessa divina aparece já em Paulo, em sua Epístola aos Gálatas, 4, 4-5: “Mas, quando veio a plenitude dos tempos,

² Citado por FRANGIOTTI, op. cit., p. 111.

Deus enviou seu Filho que nasceu de uma mulher (...), a fim de remir os que estavam sob a Lei...”

Este é o testemunho neotestamentário mais antigo sobre Maria, já que a carta paulina é comumente datada de 49 d.C., constituindo-se em um dos poucos textos paulinos sobre a Encarnação, que ele considera como evento preparatório da Salvação. Percebe-se, contudo, a pouco, ou melhor, nenhuma atenção dada à pessoa de Maria, que nem chega a ser denominada, assim como à questão da virgindade da mãe do Messias, que nem sequer é mencionada!

São, assim, nos Evangelhos que devemos buscar os elementos básicos para a elaboração de uma teologia propriamente mariana. No mais antigo Evangelho sinóptico, o de Marcos, Maria não aparece revestida de nenhuma característica especial. Ao contrário, mostra-se até como incapaz de compreender a extensão da tarefa confiada a Deus a seu Filho (Mc., 6,3).

Já em Mateus, logo na introdução, encontramos a genealogia de Jesus. Esta remontaria a Abraão, passando por Davi, sempre determinada pelo lado paterno, exceto para o próprio Jesus: “Jacó gerou José, esposo de Maria, **da qual** (grifo nosso) nasceu Jesus que é chamado Cristo” (Mt., 1,16).

Em Mateus, Maria é aquela que não só dá à luz a Jesus (1,25), como é a virgem que o concebe por virtude do Espírito Santo (1, 18), realizando a profecia de Isaías. Temos, aqui, os fundamentos dos dogmas marianos da Maternidade Divina e da Virgindade Perpétua em sua primeira parte: “E sem que ele (José) a tivesse conhecido, ela deu à luz o seu filho” (1,18).

Mas é em um Evangelho apócrifo, de grande circulação entre os primeiros séculos cristãos, principalmente nas províncias orientais do Império Romano, o “ProtoEvangelho de Tiago”, um dos mais antigos do Novo Testamento (final do século I), que se mostra sistematizada a crença na virgindade perpétua de Maria: antes do parto, na prova a que Maria e José são submetidos (cap. XVI); durante o parto, no exame corporal feito por Salomé em Maria (caps. XIX e XX); e depois do parto, ao atribuir a um casamento anterior de José a existência de possíveis irmãos de Jesus.

Na medida em que a virgindade de Maria seria o sinal escolhido por Deus para revelar ao mundo a chegada do Salvador, daí resultaria a conveniência teológica para a ideia da sua manutenção posterior ao

nascimento do Salvador. Da mesma forma, a sua defesa encontrava eco na mentalidade ascética das comunidades cristãs monásticas, cada vez mais voltadas à negação da carne e ao isolamento do mundo.

Maria era a virgem mãe do Salvador, também Deus. Desta feita, a Maternidade Divina, o primeiro dogma mariano, torna-se o conceito-chave, o princípio fundamental da Mariologia: Maria é a Mãe de Deus feito homem.

Nos Evangelhos, Maria é citada apenas como a Mãe de Jesus ou a Mãe do Senhor. No início do século II, já se esboça a ideia de Maria como a Mãe de Deus, conforme a Carta aos Efésios, de Santo Inácio de Antioquia, quando este se refere a Jesus nestes termos: “nosso Deus, foi concebido de Maria, segundo a economia divina...”³.

Um século mais tarde, Santo Irineu († 202), tal como Justino e depois Tertuliano, chamará Maria de “a nova Eva”, diferente da primeira pela sua obediência à palavra de Deus, o que a tornou a causa da salvação do gênero humano ao consentir em gerar o Filho de Deus⁴.

Desde o início, o reconhecimento de Jesus, Deus encarnado, como filho de Maria, parece ponto pacífico entre os escritores cristãos, assim como o fato dele ter vindo ao mundo através de uma virgem. É o que afirmam nos séculos II e III, Aristides de Atenas e S. Justino, respectivamente. Este último faz a associação entre a desobediência de Eva, causadora da queda humana, e a obediência de Maria, motivadora da redenção humana: “Eva era virgem e incorrupta, concebendo a palavra da serpente, gerou a desobediência e a morte. A Virgem Maria, porém, concebeu a fé e a alegria”⁵.

Como vimos anteriormente, Orígenes é o primeiro escritor a comprovadamente chamar Maria de *Theotókos*, reconhecendo, além disto, sua virgindade perpétua e sua santidade. É interessante observarmos que a ideia da maternidade divina vem sempre acompanhada da necessidade de afirmação da virgindade, senão perpétua, pelo menos até o parto.

A maternidade divina era amplamente reconhecida, tanto no Ocidente quanto no Oriente, entre os Padres, antes do Concílio de

³ INACIO DE ANTIOQUIA, Carta aos Efésios. Citado por GOMES, 1979, p. 37-38.

⁴ IRINEU DE LION, *Contra as Heresias*. In: GOMES, *op. cit.*, pp. 133-134

⁵ JUSTINO, *Diálogo com Trifão*. In: *Ibidem*, p. 79. JUSTINO, *Diálogo com Trifão*. In: *Ibidem*, p. 79.

Éfeso, como também o demonstram hinos e orações do período, de cunho mais popular.

Sinésio de Cirene († 414) inicia seu hino a Maria nestes termos: “Nós te saudamos, Trindade santa e mística, que nos reunistes todos nesta Igreja da **santa mãe de Deus** (grifo nosso)”. Na continuação, continua a tecer louvores a Maria: Nós te saudamos, Maria, Mãe de Deus, tesouro venerado por todo universo, luz que não se extingue mais, coroa das virgens, cetro da verdade segura, templo indestrutível, (...). Mãe e Virgem.”⁶.

Um dos principais apologistas marianos do período é Ambrósio de Milão, para quem a santidade de Maria, a Virgem Mãe de Deus, seria a condição *sine qua non* para o cumprimento da sua missão como Mãe de Deus.

Ambrósio de Milão e Maria

Eleito bispo de Milão em 373, apesar de catecúmeno na ocasião – entre a eleição, o batismo e a ordenação episcopal teria transcorrido apenas uma semana -, o antigo governador da cidade, desde o início, mostrar-se-á bastante severo consigo mesmo, instituindo-se um código de conduta exemplar, de forma a manter-se digno para o cargo que lhe fora confiado por Deus.

Santo Agostinho, seu futuro discípulo, deixou sobre este ponto, um valioso testemunho, nas *Confissões*:

Chegado a Milão, fui visitar o bispo Ambrósio, conhecido pelas suas qualidades em toda a terra e Vosso piedoso servidor, cuja eloquência zelosamente servia ao Vosso povo “a fina flor do Vosso trigo, a alegria do azeite de oliveira e a sóbria embriaguez do vinho”. (...) Ardorosamente o ouvia quando pregava ao povo, não com o espírito que convinha, mas como que a sondar sua eloquência para ver se correspondia à fama...⁷

Ambrósio nasceu em Treveros e após a morte do pai a família mudou-se para Roma, onde adquiriu sólida bagagem cultural clássica, sabendo ler em grego, inclusive. Em matéria teológica, Ambrósio será bastante influenciado pela obra de Orígenes de Alexandria e de outros Padres gregos.

⁶ SINÉSIO DE CIRENE. *Hino à Mãe de Deus*. In: HAMMAN, 1985, p. 217.

⁷ AGOSTINHO, *Confissões*, Livro V, 13

Apenas três anos após a eleição episcopal, publica uma pequena obra de cunho moral e pedagógico, *De Verginibus*, coletânea de sermões e meditações a respeito de Maria e onde já apresenta duas das suas ideias fundamentais sobre a Mariologia: chama-a de Mãe de Deus e insiste em afirmar a sua virgindade perpétua.

Apesar disto, a obra não pode ser considerada como um tratado teológico. O “Pai” da Mariologia Latina mesmo chamando Maria de a Mãe de Deus, não chega a cunhar nenhuma nova expressão a ser utilizada no seu culto. Maria é a Virgem (I, 21), a Mãe (I, 23), a Mãe de Deus (II, 7), a Mãe do Filho de Deus (II, 10), a Virgem Maria (II, 19).

Nestes títulos podemos observar, claramente, o destaque dado à virgindade e à maternidade. Ambrósio é o primeiro Padre a colocar de forma evidente Maria como participante estreita do Mistério da Encarnação. Ela agiu, ela foi a geradora daquele que redimiu a humanidade: “Depois, ele (o Espírito Santo) veio sobre a Virgem Maria e o poder do Altíssimo a cobriu com a sua sombra quando **ela gerou** (grifo nosso) a redenção para o gênero Humano.”⁸

Ambrósio é também o primeiro a defender um argumento que influenciará enormemente toda a tradição latina posterior: o de que a concepção virginal fora a raiz, a base da isenção de Cristo da herança do pecado original⁹, e isto antes de Santo Agostinho. Tudo isto se daria devido ao fato de que o início de Cristo como homem foi de Deus: “não foi do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas do Espírito Santo e da Virgem que ele nasceu.”¹⁰

Ele retornará ao tema da Encarnação em vários escritos. Este se constitui em um acontecimento singular, único, que não altera a ordem da natureza, criada por Deus, apenas a completa, já que “o parto da Virgem não mudou a natureza, mas renovou o uso de gerar (...). A Virgem, por isto, teve algo de seu para dar (...) ofereceu o que tinha de próprio nas suas entranhas de modo insólito sim, (mas) mediante dom sólito”¹¹

Contudo, em *Sobre os Mistérios*, 59 Ambrósio dirá que sim, que a natureza fora alterada, mas porque obra divina

⁸ AMBROSIO DE MILÃO, *Sobre os Mistérios*, 59

⁹ V. DE FIORES & MEO, 1995, p. 1023

¹⁰ AMBROSIO DE MILÃO, Sobre o Salmo 37

¹¹ AMBRÓSIO DE MILÃO, *De incarnationis dominae sacramento*, IX, 104.

Mas não há nenhuma ordem da natureza, aqui, onde se encontra a excelência da graça. Ademais, não é sempre o curso habitual da natureza que produz a geração: nós professamos que Cristo Senhor foi concebido de uma Virgem e negamos a ordem da natureza. Com efeito, Maria não concebeu de um homem, mas ficou grávida pelo Espírito Santo...

A defesa dogmática da concepção virginal ligada diretamente à questão da maternidade divina condiciona toda a abordagem ético-espiritual de Ambrósio sobre Maria. Seguindo a tradição de Atanásio e dos Padres gregos ele é um defensor incansável da Virgindade Perpétua, que só seria confirmada muito tempo depois da sua época.

A Virgindade de Maria constitui a base de toda a sua grandeza espiritual. É ela que torna possível a relação Maria-Igreja e a eleição de Maria como modelo para as virgens consagradas.

Já que o Verbo quis nascer de uma Virgem para assim dar início à virgindade da Igreja, quem ele poderia escolher? Indubitavelmente aquela mais perfeita: “Quem mais nobre do que a Mãe de Deus, mais brilhante do que aquela que, sem mácula, gerou o puríssimo corpo de Cristo?”¹²

Na sequência, Ambrósio afirma ser Maria a Virgem das virgens, eleita entre todas porque “... era virgem não só de corpo, mas também de espírito, duma candura incapaz do menor disfarce (...) a aparência exterior era a perfeita imagem da beleza da sua alma.”¹³

Ambrósio não só desenha um retrato moral da Virgem como, a partir daí, delineia um caminho de virtudes virginais a serem seguidas por todas as virgens.

Estas virtudes seriam: o pudor; a assídua leitura das divinas Escrituras; a escuta atenta das palavras de Jesus; a humildade de coração; a reserva; a modéstia; a obediência; a laboriosidade inteligente; a ascese; a mortificação corporal; a caridade solícita para com os pobres; o equilíbrio interior; e, acima de tudo, o ardente desejo pelo divino esposo que deve ser sempre fielmente seguido:

Eis o modelo de virgindade. Tal foi Maria, que fez de sua vida um exemplo para todos. Quem deseja participar

¹² AMBROSIO DE MILÃO, *A Virgindade*, II, 7

¹³ Ibid.

da recompensa de Maria, imite-lhe o exemplo. Quantas espécies de virtudes brilhando numa só virgem...¹⁴.

Ambrósio fala diretamente às virgens, mas também se dirige a todos os cristãos. Isto nos leva a pensar se este itinerário virginal proposto não seria equivalente a um novo estilo de vida evangélico, aberto a todos que quisessem segui-lo, já que, antes de tudo, ele é o bispo de toda uma comunidade, a dos cristãos milaneses, a quem tem o dever de guiar, como um bom pastor.

Enquanto a Maria anterior à Anunciação é taxada de o “espelho da perfeição” para todas as virgens, a segunda fase da vida de Maria, a de Virgem-Mãe, diz respeito, como um exemplo, para o conjunto da sociedade de fiéis.

As virtudes, aqui, não são particulares a um grupo, mas constitutivas da ética e da espiritualidade cristãs, sendo muito mais abrangentes.

E quais seriam as virtudes? Em primeiro lugar, a fé. Maria deu provas incondicionais de sua fé ao longo de toda a vida, mas no momento da Anunciação - e eis aí a originalidade do pensamento de Ambrósio -, enquanto parte da tradição patrística não hesita em considerar o seu comportamento diante do Anjo Gabriel, ao questioná-lo, como sinal de dúvida, nosso bispo diz justamente o contrário. E por quê? Porque Maria ao perguntar ao Anjo “Como se fará?” quis apenas saber, inteirar-se melhor sobre o que lhe sucederia.

A questão encontra-se bem desenvolvida no *Comentário sobre o Evangelho de Lucas, 2*, onde confronta, como argumento em defesa de Maria, os dois anúncios: o feito a Zacarias e o de Maria.

Pareceria, aqui, se não se observasse atentamente, que Maria não acreditou. Seria lícito julgar incrédula a eleita para gerar o Filho unigênito de Deus? Mas como Zacarias, não crendo, seria condenado por seu silêncio e Maria, igualmente, não crendo, seria exaltada pela infusão do Espírito Santo? (...) Pois quando disse “Como se fará isto?” não duvidava do que ia acontecer, indagava apenas o modo como aconteceria¹⁵.

A humildade e a obediência são outras virtudes fundamentais de acordo com a continuação do comentário:

¹⁴ Ibid., II, 15

¹⁵ AMBROSIO DE MILÃO, *Comentário ao Evangelho de Lucas, 2*. In: GOMES, 1979, p. 308

Enfim, diz ela: ‘Eis a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra.’ Vede que humildade, vede que devoção! Diz escrava do Senhor a que é eleita para ser sua Mãe. Não se exaltou com a inesperada promessa. Dizendo-se imediatamente escrava não requeria para si nenhuma prerrogativa da grande graça: faria o que se lhe mandasse. Vês a entrega.¹⁶

Para Ambrósio o comportamento de Maria pode ser explicado e completamente entendido se tivermos em mente a perfeita consonância existente entre ele e o do Filho, manso, humilde, livre de qualquer corrupção, igualmente virgem¹⁷.

Se o corpo do Filho era incorruptível, o de sua Mãe não poderia ser diferente. É assim que a ideia de Maria Sempre Virgem é a que exerce maior atração sobre o santo padre.

Rebatendo todos os que se lhe opunham – dos padres gregos que o antecederam a contemporâneos seus como, por exemplo, Joviano e Helvídio de Roma – Ambrósio também rejeita a afirmação de Orígenes de que para manter a integridade física de Maria, Cristo abria o seio materno. Ele prefere explicar o mistério com outra ideia, a do *uterus clausus*, já que Maria é a boa porta que estava fechada e não se abria. Cristo passou através dela, mas não a abriu.¹⁸

A manutenção da virgindade de Maria para muitos seria necessária apenas até o parto. O mais importante era a sua manutenção na concepção de Jesus, de forma a garantir o cumprimento da promessa que Deus fizera aos homens. O que acontecesse depois, no entender de Basílio da Capadócia, por exemplo, não se mostrava essencial para o mistério.

Para Ambrósio, porém, isto não bastava. A virgindade perpétua de Maria deveria ser reconhecida como verdadeira por todos, já que a ideia encontrava-se atrelada à experiência virginal do ascetismo de seu tempo.

Em *A Educação das Virgens*, para provar a sua tese, ele argumenta relacionando a posição de cada um dos principais personagens envolvidos na questão.

O primeiro a ser analisado é José, o esposo de Maria. Seria ele capaz de cair na loucura de unir-se em “conúbio corpóreo” com a

¹⁶ Ibid., pp. 308-309

¹⁷ V. *A Virgindade I*, 21.

¹⁸ AMBROSIO DE MILÃO, *A Educação das Virgens*, 8, 57 In: TONIOLO, 1995, 1024-1025.

mãe do Senhor, ele que era descrito como um homem justo? Seria absolutamente impensável¹⁹.

E quanto a Maria, deixar-se-ia levar pelo erro de, logo ela, a mestra da virgindade, como a chama, depois de ter trazido em seu seio Deus resolvesse entregar-se a um homem? Também questão descabida e sem propósito²⁰.

E quanto ao próprio Deus? Será que poderia ter escolhido como mãe alguém que “contaminasse, pelo contato com um homem, o seu celeste seio, como se fosse impossível conservar intacta a sua integridade virginal?”²¹

Como podemos observar, Ambrósio lança objeções de cunho puramente moral para defender a virgindade pós-parto de Maria, já que lhe faltavam argumentos teológicos existentes na tradição patrística do seu tempo. Era um terreno absolutamente de fé. Ao mesmo tempo, porém, de forte eco popular, já que a tradição acerca da virgindade perpétua provinha de um Evangelho escrito no século II, de grande difusão, e que no século IV fora considerado apócrifo, o *Proto Evangelho de Tiago* ou *A História do Nascimento de Maria*.

A crença na virgindade perpétua é abraçada não só pelo bispo milanês, mas por todos aqueles que viam na imagem da Sempre Virgem um exemplo a ser seguido e imitado por todos os que quisessem aderir ao ascetismo. Havia mais, porém. E novamente Ambrósio inova ao associar a imagem de Maria Sempre Virgem àquela da Igreja.

Assim a Santa Igreja, imaculada em sua união, fecunda e em sua maternidade, é virgem pela castidade e mãe pela prole. Virgem, dá-nos a luz cheia do Espírito Santo e não pelo concurso viril. Virgem, gera sem dores físicas, mas com júbilos angélicos. (...) Vossa Mãe não tem marido, possui, todavia, esposo porque tanto a igreja formada de todo o povo fiel quanto a alma de cada um está desposada com o Verbo de Deus, como sendo seu esposo eterno, e sem detrimento do pudor se torna espiritualmente fecunda.²²

¹⁹ *Ibid.*, 6,45

²⁰ *Ibid.* *Ibidem.*

²¹ *Ibid.* *Ibidem.*

²² AMBROSIO DE MILÃO, *A Virgindade*, I, 31.

Como se pode observar, como Maria, a Igreja é Virgem e Mãe, fecundada pelo Espírito Santo está isenta de qualquer pecado e é exemplo de castidade já que possui um esposo, o esposo divino.

Se pudéssemos definir a Mariologia de Ambrósio com uma expressão poderíamos chamá-la de a “pedagogia do exemplo”, o exemplo de Maria para toda a Igreja.

Seja na luta contra as heresias, na apologia do ascetismo, no cumprimento das tarefas episcopais, na educação das virgens, Ambrósio não deixa jamais de tomar Maria como fonte de inspiração e modelo para a perfeição cristã, por ser a que mais esteve próxima de Jesus, não só por ser sua Mãe, mas, principalmente, por sempre lhe seguir os passos, até mesmo no Calvário.

A santidade de Maria é inquestionável. Que exemplo melhor poderia haver que o da santa mãe aos pés da cruz vendo seu filho perecer injustamente? No relato da cena, Ambrósio supera a tradição que o precedeu e inaugura uma nova era. Não há mais espaço para a dúvida, a fé única cobria aquela mulher inteiramente

A mãe olhava com olhar piedoso as chagas do Filho, do qual sabia viria a redenção do mundo. Permanecia ereta, oferecendo um espetáculo não diferente do que ele oferecia, ao mesmo tempo que não temia quem o havia matado. O Filho pendia da cruz, a Mãe se oferecia aos perseguidores. Se o tivesse feito simplesmente para ser abatida antes do Filho, já seria louvável o seu afeto materno, que a fazia não desejar sobreviver ao Filho; mas se, ao contrário, ela o fez para morrer com o Filho, é porque desejava ressuscitar com ele, pois não ignorava o mistério de que havia gerado aquele que ressuscitaria. Sabendo, além disso, que a morte do Filho ocorria para o bem de todos, apressava-se...²³.

Maria, para Ambrósio, não é apenas aquela que creu, mas uma mulher que sabia quem havia gerado, quem era aquele que morria. É a nova mulher, a nova Eva, de um mundo novo, aquela que assim agira em prol da salvação do mundo. Em suma, o exemplo maior de criatura humana, a Mãe Sempre Virgem de Deus deveria ser também o modelo a ser seguido pela Igreja e por todos os fiéis: “Esteja em cada um a alma

²³ AMBROSIO DE MILÃO, A Educação das Virgens 6,49. In: TONIOLO, 1995, pp. 1024-1025.

de Maria, para engrandecer o Senhor; esteja em cada um o Espírito de Maria para exultar em Deus”²⁴

Conclusão

Após a morte de Ambrósio (397), tanto no Ocidente quanto no Oriente, a Mariologia continuará a se desenvolver, ligada às questões teológicas relativas à natureza de Cristo. No 1º Concílio de Éfeso (431), o Nestorianismo, que pregava a existência de duas naturezas em Cristo, uma humana, nascida de Maria, e outra sobrenatural, gerada por Deus, foi vigorosamente condenado.

No discurso pronunciado na ocasião, Cirilo de Alexandria reafirma sua crença na matéria divina de Maria, a partir da confirmação da unidade da pessoa de Jesus, condição essencial para que ela pudesse assumir de fato o título de “Mãe de Deus” e não apenas de “Mãe de Jesus”. O Concílio de Éfeso se encerra com a aprovação da carta de Cirilo contra Nestório, determinando não ser inconveniente chamar Maria de “Mãe de Deus”.

A questão do reconhecimento da Maternidade Divina de Maria se daria no Concílio seguinte, o de Calcedônia (451), quando do ponto de vista dogmático ficava resolvido o problema da unidade das duas naturezas de Cristo, confirmavam-se as afirmações de fé dos Concílios de Nicéia e de Constantinopla I, e apontavam-se como erro a ser repellido a recusa em conceder a Maria o título de *Theotókos*. No item 15 das resoluções conciliares está escrito que Jesus é o filho “gerado de Maria Virgem, a Mãe de Deus”²⁵.

Contudo, se depois de Calcedônia não se questionará mais a Maternidade Divina, a confirmação do dogma da Virgindade Perpétua, tão caro a Ambrósio, demorará ainda algum tempo: sua confirmação definitiva dar-se-á apenas no Concílio de Latrão, em 649, no pontificado de Martinho I, quando a conversão ao Catolicismo dos povos germânicos que haviam invadido o Império nos séculos anteriores estava quase completada. Assim, as questões cristológicas voltam a estar no centro das atenções da Igreja tanto no Ocidente, quanto no Oriente, e defender Maria e seu papel fundamental no processo da salvação humana tornavam-se, novamente, prioritários na luta pela ortodoxia.

²⁴ AMBROSIO DE MILÃO. *Comentário sobre Lucas*, 2,26.

²⁵ DROBNER, 2003, pp. 476.

Encerrando o período da Patrística, São João Damasceno (†749) faz uma linda homilia sobre a “Dormição da Mãe Santíssima de Deus”:

Que todas as nações aplaudam e celebrem a Mãe de Deus! Que os anjos prestem culto ao corpo mortal! Filhas de Jerusalém, feitas cortejo da Rainha, e virgens suas companheiras, ide com Ela ao Esposo, levai-a à direita do Senhor! Desce, ó soberano, vem pagar à tua Mãe a dívida que ela merece por te haver nutrido! (...) Dirige-lhe um apelo: “Vem, ó formosa, ó bem-amada, mais resplandescente pela virgindade do que o sol, tu me partilhaste teus bens, agora vem gozar de mim o que te pertence!”²⁶

As palavras de João Damasceno demonstram que Ambrósio tivera seguidores, e que a “pedagogia do exemplo”, de Maria para toda a Igreja, defendida pelo bispo milanês, continuaria válida por muitos séculos ainda no seio da Igreja.

²⁶ GOMES, 1979, pp. 446

Bibliografia

- AGOSTINHO DE HIPONA, Santo. *Confissões*. Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, 1984.
- ALTANER, B. & STUIBER, A. *Patrologia*. Paulinas, São Paulo, 1988.
- AMBRÓSIO DE MILÃO, Santo. “Comentário ao Evangelho de Lucas”. In: GOMES, C. Folch. *Antologia dos Santos Padres*. Paulinas, São Paulo, 1979. pp. 307-312.
- _____. *A Virgindade*. Vozes, Petrópolis, 1980.
- _____. *Explicação do Símbolo. Sobre os sacramentos. Sobre os mistérios. Sobre a penitência*. Paulus, São Paulo, 1996. p. 79-99.
- _____. *De incarnationis dominae sacramento*. In: http://monumenta.ch/latein/text.php?tabelle=Ambrosius&rumpfid=Ambrosius,%20De%20Incarnationis%20Dominicae%20Sacramento,%20I,%20%20%20%209&level=4&domain=&lang=0%20AND%20I=1--&id=&hilitid=&links=&inframe=1_ Acesso em: 23 de outubro 2016.
- BROWN, P. *Corpo e Sociedade*. O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do Cristianismo. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1990.
- BAPTISTA, F. & LEITE, F. *Maria nos Documentos da Igreja*. Editorial A.O, Braga, 1987.
- BÍBLIA Sagrada. Editora Ave-Maria, São Paulo, 1982.
- DE FIORES, S. & MEO, S. (org.). *Dicionário de Mariologia*. Paulus, São Paulo, 1995.
- DROBNER, H. R. *Manual de Patrologia*. Vozes, Petrópolis, 2003.
- FIGUEIREDO, F. *Curso de Teologia Patrística, III*. Vozes, Petrópolis, 1990.
- FRANGIOTTI, R. *História das Heresias (séculos I-VII)*. Paulus, São Paulo, 1995.
- GARZONIO, Marco. “Sant’Ambrogio dalle mani pulite”. *Corriere della Sera*. Milano, 12 febbraio 1997. Cultura e Spettacoli, terza pagina.
- GOMES, C. F. *Antologia dos Santos Padres*. Paulinas, São Paulo, 1979.
- HAMMAN, A. G. *Orações dos Primeiros Cristãos*. Paulinas, São Paulo, 1985.

- LE GOFF, J. El Cristianismo medieval en Occidente desde el Concilio de Nicea hasta la Reforma. In: PUECH, C. (org.). *Historia de las Religiones*, 7. Siglo XXI, Mexico D.F, 1981. pp. 61-104.
- PADOVESE, L. *Introdução à Teologia Patrística*. Loyola, São Paulo, 1999.
- RAMOS, L. (trad., org. e notas). *A História do Nascimento de Maria*. Proto-Evangelho de Tiago. Vozes, Petrópolis, 1988.
- TONIOLO, E. Padres da Igreja. In: DE FIORES, S. & MEO, S. (org.). *Dicionário de Mariologia*. Paulus, São Paulo, 1995. pp. 1003-1030.